

ANTÔNIO COELHO RODRIGUES: UM ABOLICIONISTA MÓDICO

RODRIGO CAETANO SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ (UFPI)

RESUMO: A escravidão negra nas terras brasileiras se constituiu em um processo de longa duração. Ela foi fundamental na expansão da economia e na formação socioeconômica e cultural de nossa nacionalidade. Na segunda metade do século XIX, todavia, surgiu, no Brasil, o movimento abolicionista, que defendia o fim da escravidão nestas terras. A libertação dos escravos ocorreu devido a uma série de fatores, dentre eles o abolicionismo. Todavia, este artigo tem por objetivo analisar o pensamento de Antônio Coelho Rodrigues frente ao processo de abolição da escravidão durante a segunda metade do século XIX. Para isso, utilizaremos como fonte principal o livro *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*.

PALAVRAS-CHAVE: Escravo; Abolição; Antônio Coelho Rodrigues.

75

RESUMEN: La esclavitud negro en tierras brasileñas si costituiu un proceso a largo plazo. Ella jugó un papel decisivo en la expansión de la economía y el desarrollo socio-económico y cultural de nuestra nacionalidad. En la segunda mitad del siglo XIX, sin embargo, surgió en Brasil el movimiento abolicionista, que propugna la abolición de la esclavitud en estas tierras. La liberación de los esclavos era debido a una serie de factores, incluyendo el abolicionismo. Sin embargo, este artículo tiene como objetivo analizar el pensamiento de Antonio Coelho Rodrigues en contra el proceso de la abolición de la esclavitud durante la segunda mitad del siglo XIX. Para ello vamos a utilizar como principal fuente el libro *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*.

PALABRAS CLAVE: Esclavo; Abolición; Antônio Coelho Rodrigues.

Introdução

Na segunda metade do século XIX, surgiu no Brasil, o movimento abolicionista, que defendia o fim da escravidão nestas terras. Joaquim Nabuco foi um dos principais integrantes desse movimento. Apesar de ter sido educado por uma família escravocrata, optou pela luta em favor dos escravos.

O movimento abolicionista teve repercussão nacional, atingindo, também, as terras piauienses. No Piauí, um dos que criaram medidas para tentar acabar com a escravidão foi Antônio Coelho Rodrigues, que tinha atitudes menos liberais do que Joaquim Nabuco, mas que, assim como o pernambucano, fora educado por uma família escravocrata e conservadora. Contudo, convém ressaltar que sua participação na luta em favor da libertação dos escravos não teve a mesma dimensão daquela levada a efeito por Nabuco.

A abolição da escravidão no Piauí ocorreu em face de uma série de fatores, dentre eles, a militância abolicionista, movimento político que visava à extinção da instituição escravista. Desenvolveu-se durante o Iluminismo do século XVIII e tornou-se uma das formas em grau superior de representatividade de ativismo político, mais acentuado, principalmente, durante a segunda metade do século XIX.

Em tempo, este artigo tem por objetivo analisar o pensamento de Antônio Coelho Rodrigues frente ao processo de abolição da escravidão durante a segunda metade do século XIX. Para isso, utilizaremos como fonte principal o livro *Manual do súdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*. A obra é composta por doze cartas dirigidas ao imperador D. Pedro II. Inicialmente, as cartas foram publicadas em jornais: as três primeiras no *Jornal do Commercio*, e as outras no *Jornal do Brasil*. Em 1884, foram editadas em livro, publicado pela Moreira, Maximiano e C. As demais fontes foram encontradas no Arquivo Público do Estado do Piauí (Apepi), nos arquivos do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Memória do Piauí (Nupem), localizado no Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), prédio da Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no *site* da Hemeroteca Digital Brasileira e no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (Nujoc)¹, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e ao Departamento de Jornalismo da UFPI.

¹ É coordenado pela Profa. Dra. Ana Regina Rêgo. Desde 2011 o Nujoc desenvolve o Projeto Memória. Este projeto, também coordenado pela Profa. Dra. Ana Regina Rêgo, tem como objetivo principal digitalizar os acervos de jornais que forem localizados no Arquivo Público do Estado do Piauí (Apepi) e que estejam em estado de conservação compatível com o processo de digitalização do projeto. O Projeto funciona no Espaço Integrado da Memória do Departamento de Comunicação Social da UFPI e está digitalizando os jornais e revistas piauienses dos séculos XIX e XX.

Antônio Coelho Rodrigues: um abolicionista?

Nos anos que precederam a abolição, oficialmente ocorrida em 13 de maio de 1888, acentuaram-se as manifestações favoráveis à libertação dos escravizados. Neste campo, destacam-se o empenho do abolicionismo, como já posto, um movimento político que visava ao fim da escravatura, com a participação de diferentes setores da sociedade. E a ação organizada de políticos conservadores que marcou a história do País ao tentar pôr fim de forma lenta e gradual à escravidão, utilizando-se das leis Eusébio de Queirós (1850), Rio Branco ou Lei do Ventre Livre (1871) e Saraiva-Cotegipe ou Lei dos Sexagenários (1885).

As leis, produto do conservadorismo e de uma ideia bastante arraigada de eliminação o mais vagarosa possível do escravismo, evidentemente tinham por objetivo funcionar como solução homeopática para acabar com a instituição escravista. Prazos dilatados e condições favoráveis aos senhores de escravos mostram que o espírito dessa legislação emancipatória paulatina buscava menos libertar escravos e mais retardar ao máximo o fim da escravidão. Essas condições de fim lento e gradual, no entanto, não podem nos levar a negar que tais leis foram importantes para o processo da abolição da escravidão. Considerando-se os limites e avanços da aplicação no território nacional, pode-se certamente atribuir a essa legislação o impulso, no campo conservador, a muitas outras ações que buscaram, ao seu tempo e modo, contribuir com o processo de libertação de escravizados, envolvendo em especial intelectuais e setores de elites locais, a exemplo da Sociedade Emancipadora Piauiense, criada por Antônio Coelho Rodrigues.

Antônio Coelho Rodrigues nasceu em 4 de abril de 1846, na fazenda Boqueirão, em Oeiras, localizada no centro-sul da província do Piauí. A região em que Antônio Coelho Rodrigues nasceu atualmente faz parte do município de Picos, no sudeste piauiense. Filho de Manoel Rodrigues Coelho e Ana Joaquina de Sousa Martins, foi batizado com o nome de Antônio de Sousa Martins, em 15 de agosto de 1846, na Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios de Picos, mas, por questões familiares, adotou os sobrenomes de Valério Coelho Rodrigues, este nascido na freguesia de São Salvador do Poço de Sousa, bispado de Porto, Portugal. Era filho legítimo de Domingos Coelho e Dona Águeda Rodrigues. Valério Coelho Rodrigues foi um desbravador, português, criador de gado bovino, que se instalou no Piauí na metade do século XVIII. Casou-se na província de São Paulo e veio à Paulistana, na capitania do Piauí, onde teve 16 filhos. Era tataravô, em ambas as ascendências, de Antônio Coelho Rodrigues².

Apaixonado pelos estudos, Antônio Coelho Rodrigues aprendeu as primeiras letras com sua mãe, aos cinco anos de idade. Aos seis anos, já sabia escrever as primeiras palavras. Além disso, fazia leituras e efetuava operações

² Sobre a genealogia da família Coelho Rodrigues, ver: AGUIAR, Helvídio Clementino de. *Exposição sobre a família Vieira de Carvalho – Coelho Rodrigues*. 2ª ed. Goiânia, 2014.

de matemática. Quando seu pai faleceu e, por ordem de sua mãe, foi mandado estudar em uma escola de um primo, o padre Joaquim Damasceno Rodrigues. A escola funcionava regularmente em uma fazenda próxima ao local onde hoje está localizada a cidade de Paulistana, no sudeste do estado do Piauí.

Até os 13 anos de idade, permaneceu na escola de seu primo, onde estudou português, francês, latim, filosofia e aritmética. Aos 14 anos, em 1860, mudou-se para Recife, Pernambuco. Em 1862, aos 16 anos, entrou para a Faculdade de Direito do Recife, obtendo o grau de bacharel em Direito, em novembro de 1866³, tendo sido escolhido orador da turma, tinha apenas 20 anos. Foi seu colega de turma José Maria da Silva Paranhos Júnior – o futuro Barão do Rio Branco⁴, um dos fundadores da diplomacia brasileira.

Após colar grau, Antônio Coelho Rodrigues retornou ao Piauí. Chegou a Teresina em dezembro de 1866⁵, passando a desenvolver atividade política, jurídica e jornalística. Tornou-se membro do Partido Conservador, em 1867. Antônio Coelho Rodrigues era um “monarquista moderado, defendia o imperador sem intransigência, e poderia reprová-lo, se assim exigisse o interesse do partido, o interesse da província”⁶. O temperamento forte e agressivo fizeram com que ele mantivesse boas e más relações dentro e fora da província do Piauí.

À articulação política com seus pares na sociedade piauiense, Antônio Coelho Rodrigues mostrava-se capaz de incensar e ser cáustico, dependendo das circunstâncias. Com o senhor Simplício de Sousa Mendes, chefe do Partido Conservador, mantinha saudável relação política, a ponto de receber convite para dirigir o jornal conservador do partido – *A Moderação*. Esse convite, como consta, foi devido ao jeito brilhante e cheio de maestria com que Antônio Coelho Rodrigues defendeu um réu, em Teresina, capital da província do Piauí, assim que chegou do Recife. Simplício de Sousa Mendes, ao observar a desenvoltura do jovem advogado, convidou-o para dirigir o principal jornal de circulação das ideias conservadoras no Piauí⁷.

É importante destacar que “Antônio Coelho Rodrigues aceitou o convite e a primeira medida que tomou foi mudar o nome do jornal para – *O Piauí*”⁸. Todavia, suas relações políticas e sociais com o advogado e político do Brasil durante o império, Simplício Coelho de Rezende, eram conflituosas, a ponto de trocarem acusações na edição de número 13 do jornal conservador – *A Phalange*.

No ano de 1867, Antônio Coelho Rodrigues concorreu ao mandato na Assembleia Provincial, obtendo a 25ª colocação. Como havia 24 vagas em disputa, ele não logrou êxito em sua primeira campanha eleitoral. Para Chaves,

³ AGUIAR, Antonio Chrysippo de. *Direito Civil: Coelho Rodrigues e a ordem de silêncio*. Teresina: Halley, 2006, p. 19-20.

⁴ CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Prefácio de Teresinha Queiroz – Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998, p. 524.

⁵ AGUIAR. *Op. cit.*, p. 23.

⁶ BRANDÃO, Wilson de Andrade. ANTONI COELHO RODRIGUES: Ensaio de Biografia e Crítica. In: COELHO, Celso Barros (Org.). *Coelho Rodrigues e o código civil: comemoração do sesquicentenário de nascimento*. Teresina: Gráfica do Povo, 1998, p. 39.

⁷ CHAVES. *Op. cit.*

⁸ Ibid.

Antônio Coelho Rodrigues deveria ter sido reconhecido, “pois o que conquistara o 24º lugar na votação, José Lustosa de Sousa, era estudante e menor de idade, inelegível, por conseguinte”⁹. Além disso, Chaves também aponta que, “naquele mesmo ano se fez uma reforma no ensino e deveria ser criada no Liceu uma cadeira de Filosofia. A cadeira só não foi criada para não dar ocasião ao Dr. Coelho Rodrigues de candidatar-se a ela por concurso”¹⁰.

Dessa forma, perseguido por seus adversários políticos, em 1868, aos 22 anos de idade, retirou-se novamente para a cidade de Recife, na província de Pernambuco. Levava consigo o interesse de lecionar na Faculdade em que obteve o grau de bacharel em Direito. Contudo,

Em razão da viagem ter sido realizada a cavalo, demorada, fatos políticos de repercussões proeminentes se precipitaram durante o itinerário, no caso, o Partido Conservador ascendeu ao poder com o Ministério de Itaboraí, em consequência, nova trajetória foi traçada, outros planos se descortinaram, diferentes perspectivas se apresentaram. O jovem Coelho Rodrigues muda o percurso. De passagem por Salvador embarca para o Rio de Janeiro, capital do Império, de onde retorna ao Piauí, agora com apoio político necessário aos seus propósitos¹¹.

De volta ao Piauí, apesar de conservador, em 1º de novembro de 1870, Antônio Coelho Rodrigues fundou em Teresina, capital da província do Piauí, uma sociedade manumissora¹², que tinha como meta a alforria de escravos. É notória a existência de sociedades manumissoras no Brasil e no Piauí, principalmente na segunda metade do século XIX, período em que o sistema escravista começou a se exaurir, em razão de fatores externos, como a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, em 1865, e a extinção da escravidão em Cuba, em 1879, e ainda em face de fatores internos, como a resistência dos escravos à instituição escravista e as leis criadas por políticos ligados ao Partido Conservador, que almejavam libertar a conta-gotas os escravos, mas que, além disso, possibilitaram brechas¹³ dentro da instituição escravista que favoreceram a libertação de cativos. Ademais, foi na segunda metade do XIX que o

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ AGUIAR. *Op. cit.*, p. 25.

¹² Sobre as Sociedades Manumissoras no Brasil Imperial, ver: CONRAD, Robert. *Os Últimos anos da escravatura no Brasil* (1850-1888). 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

¹³ Apontamos como sendo uma brecha, criada pela Lei do Ventre Livre, a aquisição do pecúlio. Ressaltamos que o artigo quarto da Lei de 1871 (Lei do Ventre Livre) garantia ao escravizado o direito ao pecúlio proveniente de seu trabalho, economias, doações, legados e herança que lhe acontecesse e, caso o escravo chegasse a falecer, seu pecúlio era passado aos seus ascendentes ou descendentes. Essa possibilidade favoreceu alguns escravos na compra de suas próprias cartas de alforria ou possibilitou a eles comprarem cartas de alforrias de seus filhos.

movimento abolicionista ganhou ainda mais força e, segundo a jornalista Ana Regina Rêgo:

Muitos conservadores piauienses aderiram à causa, como Antônio Coelho Rodrigues, que fundou instituição emancipadora e liderou o movimento na Província. Assim, localizam-se vários artigos em prol da causa, como também diversas notícias, tanto da criação de caixas para a libertação de escravos, como de solenidades nas quais se alforriam, com frequência, negros, como a noticiada no fascículo de *A Época*, 21 de julho de 1883, referentes à festa de confraternização do Partido Conservador, quando quatro escravos foram libertos¹⁴.

Em 23 de maio de 1871, após ser aprovado em concurso público, Antônio Coelho Rodrigues foi nomeado professor da Faculdade de Direito do Recife. Naquela faculdade, lecionou as disciplinas de Direito Romano, Direito Internacional, Direito Natural e Direito Civil, exercendo, mais tarde, o magistério na cadeira de Economia Política, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro¹⁵. Como político, elegeu-se deputado geral, para o mandato 1869-1872¹⁶ e, em 1874, foi eleito deputado provincial pelo Piauí, permanecendo no cargo até 1875. Novamente, elegeu-se deputado geral para o mandato de 1876-1878¹⁷. Em 1878, afastou-se da política, dedicando-se apenas ao estudo do Direito. Contudo, no ano de 1886, elegeu-se mais uma vez deputado geral, para os mandatos de 1886-1889¹⁸. Depois disso, já na Primeira República, foi prefeito do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, entre 1º de fevereiro e 6 de setembro de 1900.

Em 1893, Antônio Coelho Rodrigues apresentou uma proposta de Código Civil brasileiro. Entretanto “o clima intelectual dominante no Brasil era o positivismo, com larga repercussão na ideologia republicana”¹⁹ e ao entrar na faculdade de Direito do Recife, como aluno, Antônio Coelho Rodrigues assumiu posição contrária a essa corrente de pensamento tão em voga à época, tornando-se “naturalista e materialista, permanecendo, assim, fiel à fé religiosa que herdara do berço, no interior do Piauí e que alimentara em Recife”²⁰.

O projeto de Código Civil dele não foi aceito. Provavelmente, pelo fato de que suas ideias estavam em contramão com as ideias em voga no meio jurídico da época. Preterido o projeto de Antônio Coelho Rodrigues, acatou-se a proposta de Clóvis Beviláqua. Afirma o jurista Celso Barros Coelho que,

¹⁴ RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001, p. 89.

¹⁵ AGUIAR. *Op. cit.*, p. 27.

¹⁶ *Ibid.*, p. 30.

¹⁷ RELAÇÃO DE TODOS OS DEPUTADOS À ASSEMBLEIA GERAL, PELA PROVÍNCIA DO PIAUHY, DESDE 1821 ATÉ 1879... *Nortista* – Parnaíba, 10 de agosto de 1901. Ano I. Número 32, p. 1.

¹⁸ AGUIAR. *Op. cit.*

¹⁹ COELHO, Celso Barros. Apresentação. In: COELHO, Celso Barros (Org.). *Coelho Rodrigues e o código civil: comemoração do sesquicentenário de nascimento*. Teresina: Gráfica do Povo, 1998, p. 7.

²⁰ COELHO. *Op. cit.*, p. 7.

em torno de Clóvis Beviláqua tem-se desenvolvido estudos importantes para analisar a sua obra de codificador, o mesmo não acontecendo com Antônio Coelho Rodrigues o qual, posto se eleve às culminâncias do pensamento civilístico nacional, ainda não encontrou quem examinasse mais a fundo o seu trabalho²¹.

O caráter político conservador de Antônio Coelho Rodrigues surge nítido no livro *Manual do súdito fiel, ou cartas de um lavrador sua majestade o Imperador*, que, como já descrito, é composto por doze cartas encaminhadas ao imperador D. Pedro II. Nas cartas, o autor dirige-se ao monarca como um súdito fiel, conforme sugere sem subterfúgios o título do livro. É considerável destacar que quando ele escreveu as cartas residia na província do Rio de Janeiro, onde, ao que tudo indica, conforme a primeira correspondência, era também lavrador e que a alta do café, objetivo principal da sua cultura, permitiu-lhe comprar algumas dezenas de escravos, mas uma baixa do produto, acompanhada de uma doença na lavoura, o fez perder o que investiu²².

A preferência política de Antônio Coelho Rodrigues tem origem no âmbito familiar, ficando evidente na primeira carta, na qual ele assim se dirige ao soberano:

cedo verifiquei que isso de conservadores e liberais no Brasil eram modos de dizer, ou método de oposição ao governo, e, como os meus parentes já andavam metidos com os primeiro, reuni-me a eles e fiz-me conservador, mesmo porque tinha alguma cousa que perder e a gente só pôde ser liberal sem restrições²³.

Essa convicção política acompanhou boa parte da trajetória de Antônio Coelho Rodrigues, que se iniciou no Piauí e teve como uma de suas principais ações a contribuição, a organização e manutenção da Sociedade Emancipadora Piauiense.

A cadeira presidencial da Sociedade Emancipadora Piauiense foi oferecida ao senhor Espínola Junior, que recusou. O Reverendo Vigário Mamede Antônio de Lima contentou-se com o modesto lugar de primeiro secretário e o de segundo secretário coube ser ocupado por Antônio Coelho Rodrigues²⁴. O segundo secretário foi o porta-voz da Sociedade no ato de instalação, em Teresina, no dia 1º de novembro de 1870. Em seu discurso, Antônio Coelho Rodrigues assim se dirigiu aos seus concidadãos:

²¹ Ibid., p. 8.

²² RODRIGUES, Antônio Coelho. *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrados a sua majestade o Imperador*. Rio de janeiro: Typ. e Lilh. de Moreira, Mnximino, C. 1884, p. 12.

²³ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 12.

²⁴ SOCIEDADE EMANCIPADORA PIAUIENSE (...). *O Piauhy* – Teresina, 9 de novembro de 1870. Ano IV. Número 148, p. 2.

Cidadãos! Há alguns anos que agita-se entre nós a gravíssima questão do elemento servil. Nenhum homem político de algum – instrução pôs ainda em dúvida a necessidade da sua abolição; porém a divergência sobre a escolha dos meios mais adequados às circunstâncias e ao estado do país, assim como sobre a oportunidade dos já propostos, tem diferido até hoje a uma liofrosa solução desse problema eminentemente social. Falha do direito da força e frutos da política pouco escrupulosa do poder absoluto, a escravidão foi recebida por nós como um legado bárbaro dos séculos passados e uma doença constitucional do péssimo regime, que durante mais de trezentos anos pesou sobre o Brasil²⁵.

Nesta citação, é possível perceber que Antônio Coelho Rodrigues mostrou-se estarecido com a questão da escravidão no Brasil, apontando-a como legado bárbaro, desumano, horrendo, que por mais de três séculos pesou sobre o Brasil. Porém, seu discurso torna-se contraditório quando analisamos este trecho do livro *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*:

[...] naquele tempo, a alça do café, objeto principal da minha cultura, permitiu-me comprar algumas dezenas de escravos das centenas de milhares, que o norte exportava para o sul á procura de bom preço e eu, pobre aldeão, que supunha o negocio tão licito para quem comprava, como para quem vendia, empreguei neles o melhor de minhas economias reunidas, sabe-o Deus com que trabalho e à custa de quantas privações. Felizmente o pessoal, que escolhi, era bom e sadio, e produzia quanto bastava para fazer face aos juros do capital que custou-me, e á uma amortização gradual, ora maior ora menor, conforme o ano²⁶.

Neste trecho, fica nítido que, apesar de ver a escravidão como um legado bárbaro, como apontamos anteriormente, Antônio Coelho Rodrigues era dono de escravos. Ademais, a citação nos indica que com o fim do tráfico negreiro no Atlântico, passou a existir no Brasil, com mais intensidade, o tráfico interprovincial. A historiadora Emília Viotti da Costa destaca que:

o tráfico interprovincial tomou o lugar do tráfico africano. Calcula-se que de 7 mil a 10 mil escravos entraram anualmente nas províncias do Centro-Sul, vindos de outras partes do país. Os escravos eram deslocados das cidades para as zonas rurais e das áreas de menor produtividade para as mais produtivas²⁷.

²⁵ DISCURSO PROFERIDO PELO EXM. SR. DR. ANTÔNIO COELHO RODRIGUES POR OCASIÃO DA INSTALAÇÃO DA SOCIEDADE EMANCIPADORA (...). *O Piauí* – Teresina, 9 de novembro de 1870. Ano IV. Número 148, p. 3.

²⁶ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 12.

²⁷ COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. 9ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 36.

Ainda na citação de Antônio Coelho Rodrigues, contida no livro *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*, fica patente que o tráfico de escravos dentro do Brasil era algo lucrativo, tanto para o traficante quanto para o senhor que os comprava. As contradições do piauiense não são meras coincidências. De fato, Antônio Coelho Rodrigues foi um político de múltiplas facetas, adequando-se, em muitos casos, ao ambiente no qual estava inserido. Em seu *Manual do Súbdito Fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*, também podemos perceber que as ideias liberais vindas do Velho Continente contribuíram para a resistência dos escravos à instituição escravista, que se podia concretizar por meio das fugas:

Ultimamente, porém, depois que os sábios da Europa começaram a interessar-se por nós, e de travar amizade com uns brasileiros patriotas, que lá andam fazendo reputação à custa de seu país, comecei também a sentir diferença nos modos e diminuição no trabalho dos meus fâmulos e, enquanto eu estudava a causa para prover o mal do remédio, ausentaram-se de uma vez cinco, sem despedirem-se de mim; quatro para um quilombo próximo, e o quinto para o asilo da corte²⁸.

A citação mostra que alguns dos escravos de Antônio Coelho Rodrigues fugiram. A fuga era uma alternativa que o escravo tinha para sair da condição de coisa, de ser apropriado, além, como já posto, de resistência à instituição escravista. Quando o escravo empreendia a fuga, colocava-se de modo ativo em relação ao seu proprietário e à própria instituição escravista. Ao ser capturado, o escravo fujão poderia sofrer punições. Foi o que se deu a um dos escravos fujões de Antônio Coelho Rodrigues. Em sua primeira carta, ele assim escreveu:

esses primeiros *emigrantes* tiveram logo outros imitadores, um dos quais, sendo apreendido, foi pela primeira vez castigado, com alguma severidade, mas sem excesso, o que, não obstante, ia-me custando um processo-crime, se o subdelegado não fosse lavrador, como eu e, além disso, meu compadre²⁹.

Acredita-se que Antônio Coelho Rodrigues queria capturar os outros escravos fujões, a julgar pelo modo como se dirigiu ao subdelegado: "procurei o subdelegado, narrei a ele o ocorrido e lhe pedi auxílio para ir buscar os meus fugitivos no quilombo"³⁰. Quando o senhor tinha um escravo foragido, significava perda de bens, daí o interesse de Antônio Coelho Rodrigues em querer capturar os seus escravos fujões, sobretudo, em uma época de agitação, como foram os anos que antecederam o dia 13 de maio de 1888.

²⁸ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 12-13.

²⁹ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 13.

³⁰ *Ibid.*

O abolicionismo deu uma nova dimensão à revolta do escravo. Deu a ele uma nova percepção de si mesmo, ao mesmo tempo que criou opinião pública mais favorável aos escravos. Conferiu ao protesto do escravo uma dignidade jamais reconhecida, dando a seu gesto um significado político novo³¹.

Talvez por isso, Antônio Coelho Rodrigues não estivesse em seu melhor momento de estado de espírito, pois, assim, ele se dirigiu ao imperador D. Pedro II:

A agitação que o abolicionismo, oficial no norte e semioficial no sul, semeou pelos nossos centros, quase despovoados de gente livre, tem-nos colocado a nós outros, senhores de escravos, em tão desesperada posição que nos não deixa o espírito bastante livre para escrever a vagar e medir bem as palavras, que devem ser dirigidas ao único soberano e sábio desta porção da América, onde o povo não está na altura de compreender-vos, quanto mais nas condições de bem servir-vos! Isso tem determinado os longos intervalos destas cartas, que não sei quando poderão ser continuadas, se o forem com alguma regularidade³².

Além de irônico, ao chamar de sábio o imperador, nesta citação é patente que Antônio Coelho Rodrigues estava preocupado com o avanço do movimento abolicionista, o que não poderia ser diferente, uma vez que tal movimento almejava libertar os escravizados do Brasil, e alguns destes eram parte do patrimônio, mão de obra para uso do piauiense.

Em seu livro, *Manual do Súbdito Fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*, Antônio Coelho Rodrigues demonstrou sua insatisfação com a política elaborada pelo gabinete liberal da época. Além do mais, fez críticas às políticas do governo, especialmente àquelas relacionadas ao elemento servil. Ao se referir ao assassinato de um senhor por um escravo, assim ele se dirigiu ao imperador D. Pedro II:

É crível que Vossa Majestade não tenha ainda refletido sobre o perigo do vosso procedimento sistemático? Se não refletiu, faz muito pouco caso do seu alto cargo, que, quando não é a mais nobre ocupação de um homem, é a mais vil exploração de um povo; se refletiu e persiste nele, é inimigo jurado de todos os senhores de escravos, isto é, daqueles que, parecendo culpados, são, na realidade, as primeiras vítimas dessa instituição condenada, que de todo o continente americano só pôde medrar nesta porção infeliz, onde a monarquia implantou-se³³.

³¹ COSTA. *Op. cit.*, p. 114.

³² RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 24.

³³ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 75.

Para Antônio Coelho Rodrigues, o imperador estava fazendo pouco caso do crescimento do movimento abolicionista. Nessa citação, é possível observar que ele colocou os senhores de escravos como vítimas de uma instituição que foram eles próprios que ajudaram a criar e que, por muito tempo, mantiveram como demonstração de *status* social e econômico. Ademias, apesar de considerar a escravidão uma instituição condenada, Antônio Coelho Rodrigues vivia do trabalho de seus escravos³⁴, “cuja sorte não é, segundo a confissão insuspeita e ainda recente do Sr. senador Ottoni, inferior a dos operarias dos países mais adiantados da velha Europa”³⁵.

Segundo Antônio Coelho Rodrigues, “o trabalhador inglês comia carne, quando muito, duas vezes por semana, e os franceses apenas uma”³⁶. Ele acrescentou que os escravos dele “tem-na duas vezes a cada dia, café pela manhã, assim como à noite, na estação chuvosa, roupa e remédio a tempo e a hora”³⁷. Assim, com essas afirmações, temos que a sorte dos escravos de Antônio Coelho Rodrigues era melhor do que a sorte dos trabalhadores ingleses. Todavia, não nos deixemos enganar, assim, é útil destacar que comida, roupa e remédio eram insumos essenciais para manter o escravo vivo e produtivo, para que, com isso, ele pudesse sustentar seu senhor. Dessa forma, o espírito paternalista de Antônio Coelho Rodrigues parece ser, na verdade, um espírito empreendedor, com o intuito de deixar seus escravos produtivos e continuar sustentando-se com o trabalho de seus cativos. Contudo, ele escreveu que seus escravos:

Viviam, portanto, muito satisfeitos com a sua condição, como o cão companheiro do lobo da fabula, e, como a felicidade neste mundo sublunar é mais uma questão de opinião do que de realidade, podiam ser considerados felizes na vida que levavam. E, em verdade, pareciam-no, andavam satisfeitos, recebiam-me alegres, quando ia ao serviço, e muitas vezes continuavam-no ao som de cantos, capazes, quer pela letra quer pela toada, de arrancar o riso até mesmo à sisudez de Vossa Majestade Imperial³⁸.

Percebe-se que, segundo Antônio Coelho Rodrigues, seus escravos tinham uma vida feliz e vivam satisfeitos com suas condições. Então, por que os escravos dele fugiram, já que eles viviam felizes e estavam satisfeitos com suas condições? Segundo ele,

vieram, porém, os lobos, e sopraram-lhes aos ouvidos. As ideias novas da corte; contaram-lhes os desejos de Vossa Majestade e

³⁴ Ibid., p. 72.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid., p. 73.

³⁷ Ibid.

³⁸ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 73.

as esperanças, que têm os sábios da Europa de ver a escravidão do Brasil abolida, por fas ou por nefas, no próximo centenário da descoberta da América. Desde então, começaram meus escravos a fugir, quero dizer, abandonar-me³⁹.

Contudo, mesmo seus escravos tendo fugido, escreveu Antônio Coelho Rodrigues,

vivo a dar graças a Deus, porque pior poderia ser, como foi para um meu vizinho, pai de oito filhos menores e um nascituro, assassinado ha pouco, ao som de vivas a Vós, a Majestade, pelos seus escravos, sem outro motivo, que não a certeza do perdão e o desejo de tentarem a vida nova anunciada pelos apostolas da corte, que e proclamam órgãos do vosso imperioso pensamento⁴⁰.

Com essa citação, percebe-se que a monarquia parecia estar a favor da libertação dos escravos. No entanto, o trecho também deixa evidente que os escravos não estavam bestializados aos acontecimentos que se seguiam ao longo da segunda metade do século XIX. Ao mesmo tempo em que o movimento abolicionista ascendia pelo Brasil, ocorria "eclosão de revoltas de escravos, fugas e outros tipos de rebeldia, provocando reações cada vez mais violentas de senhores de escravos, sobretudo daqueles congregados em Clubes de Lavoura"⁴¹.

Para Antônio Coelho Rodrigues,

a escravidão, poderia ficar tranquilo o Sr. Senador Ottoni, não passaria do século XIX; a monarquia desapareceria com ela, pouco tempo há de sobreviver-lhe; mas até lá seria preciso sustentar uma e outra com as modificações possíveis, sem convulsionar-se o país⁴².

A escravidão, para ele, era uma instituição falida e ela estava ligada à monarquia, caso uma caísse, a outra iria junto. Todavia, o maior receio dele era que o fim abrupto da escravidão levasse o Brasil a uma crise econômica e social. Acredita-se que o grande medo de Antônio Coelho Rodrigues era que a libertação dos escravos abalasse a economia dos fazendeiros, que, assim como ele, eram donos de escravos, base da produção da riqueza dos detentores dessa mão de obra não remunerada.

Ao analisar o livro, *Manual do Súbdito Fiel, ou cartas de um lavradora sua majestade o Imperador*, podemos notar que, para Antônio Coelho Rodrigues, o Brasil passava por crise durante a década de 80. "Durante essa crise, é forçosa entesar o arco, e não é nas proximidades dela que se pode

³⁹ Ibid.

⁴⁰ Ibid, p. 73-74.

⁴¹ MACHADO, Maria H. P. T. Os abolicionistas brasileiros e a Guerra de Secessão. In: Martha Abreu e Matheus Serva Pereira (orgs.). *Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil*. Niterói: PPG História – UFF, 2011, p. 24.

⁴² RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 79-80.

chamar para o País um elemento estranho e incapaz de resignar-se ao regime indispensável para aproveitar-se o trabalho dos libertos”⁴³. Para ele, o elemento estranho eram os imigrantes europeus. Antônio Coelho Rodrigues era anverso à mão de obra imigrante. Para ele, a mão de obra escrava deveria ser trocada pelo trabalho dos libertos, pois a seu ver

estes são os substitutos naturais, senão únicos possíveis dos escravos, e, se trabalharem, como devem, por vontade, ou por força (porque a preguiça é não só um vício torpe, como um crime social) serão bastantes; pois o trabalho livre será, em todo o caso, mais produtivo do que o servil⁴⁴.

Assim, há claramente uma dubiedade na postura de Antônio Coelho Rodrigues, que quer os libertos substituindo a mão de obra escrava, ao mesmo tempo admite que, mesmos livres, se poderiam valer da força os tomadores deste trabalho para obrigá-los a trabalhar:

e, para forçar o liberto a trabalhar para si, nunca será preciso um regime tão rigoroso, como para fazer o escravo trabalhar para o senhor, e, se o segundo pôde, apesar disso, trazer a produção nacional ao ponto, em que se acha, quanto não deveremos esperar do primeiro, tendo, além do mais, a consciência do interesse próprio, que o outro não podia ter?⁴⁵.

87

Podemos afirmar que para o piauiense o ser humano na condição de escravo era um objeto, logo, não tinha consciência. Mas se este ser humano fosse libertado, adquiriria consciência e poderia produzir mais do que quando escravizado. Assim, mais uma vez, é possível defender que Antônio Coelho Rodrigues estava mais preocupado com manutenção das finanças dos senhores de escravos do que com a abolição da escravidão.

Ademais, para ele, existiam dois problemas quanto à questão da escravidão: “tirar o escravo do cativeiro e incorporar o liberto na sociedade civil”⁴⁶. Segundo ele, “a iniciativa particular tem se avantajado imensamente ao governo em relação ao primeiro problema; ao passo que tem-se mostrado absolutamente incapaz de resolver o segundo”⁴⁷.

É interessante destacar que no final dessa citação, também extraída do *Manual do Súbdito Fiel, ou cartas de um lavradora sua majestade o Imperador*, Antônio Coelho Rodrigues colocou uma nota de rodapé, com a seguinte citação: “se eu tivesse meio eficaz para coagir ao trabalho o libertado sob condição de servir, já teria convertido a minha fazenda em colônia de libertos”⁴⁸. Quando

⁴³ Ibid., p. 88.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 92.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

escreve isso, nitidamente está posto que ele não queria perder a mão de obra que sustentava sua economia pessoal. Essa citação reforça uma das argumentações defendidas ao longo do texto: o grande medo de Antônio Coelho Rodrigues era um abalo na economia do País, fortemente baseada em uso intensivo da mão de obra cativa, caso houvesse a súbita libertação dos escravos. Para ele, a escravidão era a

irmã gêmea da monarquia da América; ambas têm por si os mesmos argumentos: a tradição, o costume e a lei (...). O tráfico trouxe-nos a civilização da costa d'África, e quem nos diz que a escravidão civil dos africanos não ha de trazer-nos também a nossa liberdade política? Deus escreveu o direito por linhas tortas⁴⁹.

Mesmo assim, em o *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*, fez também severas críticas ao Imperador D. Pedro II e, apesar de não defender claramente a troca do regime monárquico pelo republicano, reforçando a ideia de que a libertação dos escravos representaria a queda da monarquia. Ele se fez de irônico quando escreveu que “Deus escreveu o direito por linhas tortas”⁵⁰. Entende-se que as linhas tortas seriam a libertação dos escravos e que isso levaria ao direito, ou seja, a República. É importante realçar que Antônio Coelho Rodrigues alinhava-se àqueles que queriam acabar a conta-gotas a escravidão no Brasil. Ele mesmo reconhece isso ao afirmar que

o que nós outros particulares temos feito em prol da emancipação, no decurso de treze anos, nunca foi feito em parte alguma, e, se pelo passado o e pôde julgar o futuro, devemos julgar que o movimento espontâneo bastará para em menos de trinta anos contado de 1871, fazer desaparecer sem abalo uma instituição de três séculos⁵¹.

Em o *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*, podemos constatar que para Antônio Coelho Rodrigues, o Brasil, nos últimos anos do século XIX, estava à beira de uma reforma econômica-política-social, ou seja, a Monarquia já não possuía grandes quantidades de oxigênio para se manter firme. Sua rejeição ao imperador é patente: “as habilitações, que são necessárias para governar exige um espírito prático, que sempre vos faltou, e uma preparação longa, que nunca tivestes, nem estais mais em idade de adquirir”⁵². Além do mais, para ele, a orientação intelectual do imperador andava em contramão da formação intelectual que um mandatário deveria ter para governar uma nação, pois, assim, dirigiu-se ao soberano: “a educação intelectual de Vossa Majestade ainda foi mais incongruente do que a outra: ensinaram-vos principalmente ciências exatas e

⁴⁹ Ibid., p. 108-139.

⁵⁰ Ibid., p. 139.

⁵¹ RODRIGUES. *Op. cit.*, p. 66-67.

⁵² Ibid., p. 87.

línguas estrangeiras, isto é, as duas cousas mais inúteis, que podéis aprender para governar vossa pátria”⁵³.

Além do desejo de querer preservar os interesses dos senhores de escravos, Antônio Coelho Rodrigues foi um político bastante atento à forma de governar, tanto no período monárquico quanto no período republicano. Em 28 de agosto de 1907, escreveu um artigo publicado no jornal *O Comercio*, em 1º de dezembro daquele ano, na edição de número 76. Nesse artigo, afirma que de todas as guerras que poderiam atingir a humanidade, a pior era a guerra civil, pois ela poderia romper com os princípios dos direitos das pessoas e semear o ódio entre os cidadãos de uma mesma nação. Na base do texto, segundo ele, desde 1845 e até o ano de 1907, muitas Repúblicas Americanas estavam sob guerras civis.

Com exceção dos Estados Unidos que teve como causa uma questão social a emancipação dos escravos, Antônio Coelho Rodrigues aponta que as outras Repúblicas sofreram com guerras civis motivadas pela fraqueza de seus governantes ou pela indisciplina dos governados. Para ele, as guerras civis, além de gerar nas pessoas o ódio, faziam surgir sedições populares, queda de governo e conspirações que, em muitos casos, eram afogadas em sangue inocente. Esse estado de coisas, ainda segundo ele, há muito tempo se manifestava nas outras Repúblicas Americanas. Contudo, “implantou-se, também, ultimamente, no Brasil que, desde 1848, gozava de uma verdadeira paz interna e que em 1888 realizou, no meio de festas, a emancipação dos escravos”⁵⁴.

Entretanto, ainda de acordo com Coelho Rodrigues, a longa imunidade do Brasil a essa endemia política que eram as guerras civis, não se devia ao fato de o Brasil ter sido colonizado pelo portugueses, “pois estes se diferiam muito pouco dos espanhóis e, tampouco à mudança de regime”⁵⁵. Para ele, “a verdade, todavia, quer que se reconheça, mesmo de passagem, que a monarquia representativa, tal como nós a tivemos no Brasil, era mais democrática do que o novo regime que lhe sucedeu”⁵⁶.

O artigo publicado no jornal *O Comercio* é longo e nele podemos concluir que, se anteriormente Antônio Coelho Rodrigues desancava o império, não foi menos condescendente na crítica ao regime republicano e aos republicanos que estavam à frente do novo governo.

A crítica ao novo regime não era apenas compartilhada por Antônio Coelho Rodrigues. Ela também era aquinhoada por aqueles defensores dos

⁵³ Ibid., p. 61.

⁵⁴ SOBRE A UNIÃO E A PACIFICAÇÃO DA AMÉRICA LATINA APRESENTADA AO CONGRESSO UNIVERSAL DA PAZ (...). *O Comercio* – Teresina, 1º de dezembro de 1907. Ano II. Número 76, p. 1.

⁵⁵ SOBRE A UNIÃO E A PACIFICAÇÃO DA AMÉRICA LATINA APRESENTADA AO CONGRESSO UNIVERSAL DA PAZ (...). *O Comercio* – Teresina, 1º de dezembro de 1907. Ano II. Número 76, p. 1.

⁵⁶ SOBRE A UNIÃO E A PACIFICAÇÃO DA AMÉRICA LATINA APRESENTADA AO CONGRESSO UNIVERSAL DA PAZ (...). *O Comercio* – Teresina, 1º de dezembro de 1907. Ano II. Número 76, p. 1.

princípios republicanos estabelecidos ainda nas décadas de 70 e 80. Clodoaldo Severo Conrado de Freitas, nascido na cidade de Oeiras, província do Piauí, em 7 de setembro de 1855, foi outro a fazer críticas à forma de governo republicano. Segundo a historiadora Teresinha Queiroz, “essas críticas nada mais eram do que a explicação dos desvios ocorridos na prática republicana com relação ao modelo proposto por aquele grupo bem como dos desencantos posteriores ao 15 de novembro”⁵⁷.

Pode-se apontar como um desses desvios o coronelismo. Experiência típica das primeiras décadas do período republicano. De fato, essa experiência fez parte de um processo de longa duração que envolveu aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais do Brasil republicano. Essa experiência consistia em um jogo de interesses que envolveu os grandes proprietários. Para mais, estabeleceu os pilares da exclusão política e o controle dos grandes espaços de encenação política que se sustentava na ação dos coronéis.

Ainda segundo Teresinha Queiroz, o ponto central dessa crítica era o da negação da cidadania, que Clodoaldo Freitas considerava como a própria negação da República. Ainda com referência às críticas de Clodoaldo Freitas, a historiadora acrescenta que “uma de suas afirmações mais frequentes era a de que no Brasil não vigorava o sistema republicano e, ao contrário, vivia-se numa tirania turca”⁵⁸.

Mais, aproximando-se do dia 30 de Janeiro de 1912, período em que o Brasil teria novas eleições federais, políticos ligados ao Partido Liberal anunciaram na edição de número 241 do jornal *O Apostolo*, de 7 de janeiro de 1912, a candidatura ao Senado Federal, do agora militante liberal, Antônio Coelho Rodrigues: “é nosso candidato ao lugar de senador da República o eminente piauiense Dr. Antônio Coelho Rodrigues, um nome que representa altos serviços ao Estado e ao país”⁵⁹. Na edição de número 244 do mesmo jornal saiu outra nota comunicando a candidatura de Antônio Coelho Rodrigues ao Senado.

Contudo, Antônio Coelho Rodrigues não ganharia essas eleições. Novamente as perseguições políticas contra ele se fizeram presentes:

apurada a verdade no sufrágio popular, estaria Antônio Coelho Rodrigues definitivamente reconhecido senador da república, se o Senador não transigisse com fraude despuorada, que engendrou de dezena de milhar de votos para o seu competidor⁶⁰.

É importante pontuar que na nota do jornal *O Apostolo* não há o nome do senador que fraudou as eleições e acabou por impedir que o piauiense fosse nomeado senador da República.

⁵⁷ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *História, literatura e sociabilidades*. Teresina: EDUFPI; Academia Piauiense de Letras, 2015, p. 24.

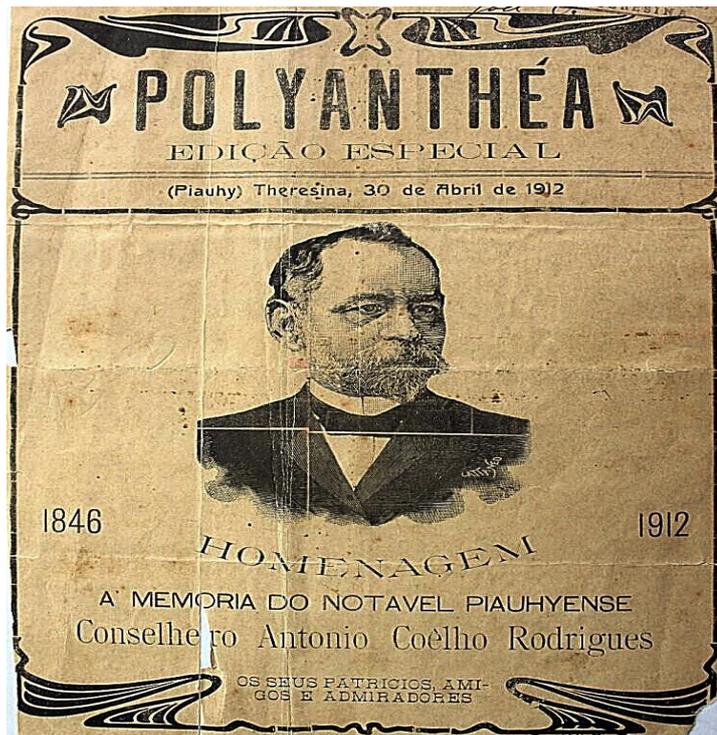
⁵⁸ *Op. cit.*, p. 25.

⁵⁹ ILLUSTRE AMIGO E SENHOR... *O Apostolo* – Teresina, 7 de janeiro de 1912. Ano V. Número 241, p. 3.

⁶⁰ TUMULO GLORIOSO... *O Apostolo* – Teresina, 7 de abril de 1912. Ano V. Número 254, p. 2.

Antônio Coelho Rodrigues faleceu em 1º de abril de 1912, aos 66 anos de idade, quando voltava da Europa. Ele veio a óbito ainda no Porto de São Vicente⁶¹. Em homenagem ao piauiense, o jornal *Polyanthéa*, de 30 de abril de 1912, 29 dias depois de sua morte, lançou uma edição especial onde na capa do jornal estava colocada sua foto.

Figura 1. Rosto de Antônio Coelho Rodrigues.



Fonte: *Polyanthéa* – edição especial⁶².

Considerações finais

Antônio Coelho Rodrigues foi um político atento e crítico às formas de governo de sua época. Devido ao seu temperamento forte foi perseguindo por vários políticos. Ele foi importante para a política do Piauí e do Brasil; além de político, atuou como jornalista, professor e jurista. Entretanto, sua obra ainda é pouco estudada, principalmente pelos historiadores. Sem motivos aparentes, a obra de Antônio Coelho Rodrigues foi esquecida pela academia. Só recentemente surgiram no ambiente acadêmico trabalhos voltados à análise e compreensão da vasta obra do piauiense. No texto: *Antônio Coelho Rodrigues: entre o "silêncio, a paciência e o tempo"*⁶³ o historiador Johny Santana de

⁶¹ TUMULO GLORIOSO... *O Apostolo* – Teresina, 7 de abril de 1912. Ano V. Número 254, p. 2.

⁶² *Polyanthéa* – edição especial. Piauí, Teresina, 30 de abril de 1912, p. 1.

⁶³ ARAÚJO, Johny Santana de. Antônio Coelho Rodrigues: entre o "silêncio, a paciência e o tempo. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; TAMANINI, Paulo Augusto (Orgs.). *História, cultura e subjetividades: abordagens e perspectivas*. Teresina: EDUFPI, 2015.

Araújo⁶⁴ procurou analisar a importância de Antônio Coelho Rodrigues para a História do pensamento Político e Social do Piauí. Para o historiador, "Antônio Coelho Rodrigues não se encontrava alheio aos acontecimentos políticos de sua época, ou seja, era um sujeito em permanente estado de sintonia com o que havia de mais atual em termo de discussão política"⁶⁵.

Em face do que foi apresentado neste artigo, defende-se que o pensamento de Antônio Coelho Rodrigues, frente ao processo de abolição da escravidão no Brasil durante a segunda metade do século XIX, estava em consonância com o pensamento de alguns políticos conservadores e donos de escravos no Brasil, pois tinha por preferência libertar os escravizados em processo lento e gradual, hermeticamente controlado para que não acarretasse prejuízos financeiros aos senhores.

Os trechos retirados do livro: *Manual do súbdito fiel, ou cartas de um lavrador a sua majestade o Imperador*, e destacados neste artigo, em seu conjunto, apontam para uma resposta à sociedade brasileira dos últimos anos da escravidão: o Brasil passava por crises, a Monarquia não tinha mais oxigênio para ser manter firme, a escravidão já estava em seu fim e caso esta caísse levava consigo o regime monárquico.

Sobre o autor

Rodrigo Caetano Silva é mestrando no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). É pesquisador do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Memória do Piauí (Nupem), da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do CNPq "História do Piauí Oitocentista". E-mail: roddrigocaetano.ufpi@gmail.com.

Artigo recebido em 23 de janeiro de 2016.

Aprovado em 20 de agosto de 2016.

⁶⁴ É historiador, possui Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2005) e Doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense (2009). É Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí e Membro do Programa de Pós-graduação em História do Brasil. Desenvolve pesquisas com ênfase em História do Brasil. Atuando principalmente nos seguintes temas: Formação do Estado Nação, História Militar, Forças Armadas do século XIX ao XXI, História Política e História das Relações Internacionais, Relações Sociais, Políticas e Econômicas no Piauí do século XIX. É líder do Grupo de Pesquisa: Núcleo de História, Memória, Sociedade e Política (cadastrado junto ao CNPq), coordenador do Núcleo de Pesquisa, Documentação e Memória do Piauí (Nupem) e tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) História.

⁶⁵ ARAÚJO, 2015, p. 127.